

MAQUINAÇÕES DE REFÚGIOS IMAGINÁRIOS E ESTRANHOS PARENTESCOS – PORTFÓLIO DE BRENO FILO

MACHINATIONS OF IMAGINARY REFUGES AND STRANGE KINSHIPS – BRENO FILO'S PORTFOLIO

Breno Filo **Creão de Sousa Garcia**
PPGARTES-UFPA

Resumo

No presente portfólio, realizo uma narrativa em torno de meu trajeto de pesquisa-criação, com fragmentos dos seguintes processos de criação: *Transilhas* (2013-2014), *Máquina-Rota* (2015-2017), *Exercícios de Afogamento* (2016-2018) e *Arutaua* (2026 - em curso). Com este conjunto multilinguagens reunido, produzo também uma série de proposições para lidar com a paisagem catastrófica que se forma no horizonte comum: a invenção de territorialidades imaginárias queer, a evocação de existências virtuais entre a rios, ilhas e terras firmes, a dissolução de ideais hegemônicos e a proliferação de parentescos multiespécies. Neste compartilhamento, me situo como um artista queer amazônico, emaranhado nas malhas da fabulação especulativa como estratégia poética diante das mudanças climáticas. Deste modo, elaboro, como modo de vida, um corpo imaginativo que transita pelas encruzilhadas entre mundos-floresta.

Palavras-chave:

Poéticas queer; poéticas amazônicas; poéticas do imaginário; escritura de si; portfólio artístico.

Abstract

In this portfolio, I present a narrative around my research-creation journey, with fragments from the following creative processes: Transilhas (2013-2014), Máquina-Rota (2015-2017), Exercícios de Afogamento (2016-2018), and Arutaua (2026- in development). With this assembled multilingual set, I also produce a series of propositions for dealing with the catastrophic landscape that is forming on the common horizon: the invention of imaginary queer territorialities, the evocation of virtual existences between rivers, islands, and dry land, the dissolution of hegemonic ideals, and the proliferation of multi-species kinship. In this sharing, I position myself as an Amazonian queer artist, entangled in the meshes of speculative fabulation as a poetic strategy in the face of climate change. In this way, I elaborate, as a way of life, an imaginative body that transits through the crossroads between forest-worlds.

Keywords:

Queer poetics; amazonian poetics; poetics of the imaginary, scripture of self; artistic portfolio.

PORTFOLIO >>> BRENO FILO



te flagro, horizonte
Fotografia Digital
série Transilhas
2014

MAQUINAÇÕES DE REFÚGIOS IMAGINÁRIOS
E ESTRANHOS PARENTESCOS

Como fazer de uma vida artística uma série de criações de territorialidades amorosas? Quando penso em minha trajetória, esta questão se repete e ecoa. Sou um artista e educador bicha. Sei da importância de construir espaços onde as diferenças não intolerantes são encorajadas, e também sei da necessidade de estabelecer alianças - e parentescos - mesmo entre os atores mais improváveis, como forma de sobrevivência diante do caos e da violência. Minha obra é a poesia que entoo por meio desse saber.

Ressonar Insular e a série *Transilhas* reúnem fragmentos de memórias em torno de uma trilha entre o centro de Belém do Pará e a região das Ilhas. Minhas amigas e eu tínhamos o hábito de ir para a ilha de Cotijuba com muita frequência, desde o final de nossa adolescência. Um grande coletivo com pessoas cuir, recém-saídas da adolescência, em estado de boemia e poesia. Além da busca por um refúgio dos sufocamentos cotidianos, formamos outras relações com as horas do repouso e com as coisas do mundo. A cada temporada ali, nossas alianças com as criaturas e substâncias da beira do rio se fortalecem. Formávamos alianças com aranhas, morcegos e vizinhos generosos. Nos aventuramos por ruínas que hoje já desapareceram. Registramos e performamos diante de câmeras e por sobre ondas, nos deixando enlaçar pelas chuvas, neblinas matinais e sóis a pino. Estas obras são, provavelmente, o único rastro da existência dessa rede de afetos neste tempo e espaço.

Máquina-Rota surgiu a partir de uma série de convites para integrar coletivos, entre as artes visuais e o teatro, durante meu mestrado. Um jogo de cartas, idealizado a partir de descaminhos da memória e do afeto, seja em ateliês de desenho, ou nos jogos teatrais que brinquei durante sua criação. Traçado por meio de gestos de corte e subversão dos elementos iconográficos presentes no tarô, que foram substituídos por criaturas, texturas e paisagens advindas de instâncias inconscientes, pessoais e coletivas. Com as cartas, abri portais para ativar a vida das encantarias amazônicas, da Região do Salgado ao Baixo Tocantins do Pará. Seres como Parauá, Icamiaba, Mappinguari, Tibira Verde, Dona Tumba, Zimbado, Afogado e Tabuleiro dos Ciclos, entre tantas outras, são conjurados para dilatar espaços de encontro e criação. Este jogo é criado e reelaborado a cada vez que é acionado. Com fluxos que se abrem e se movimentam ao sabor dos sistemas de crenças e desejos.

Exercícios de Afogamento brotou a partir de um achado. Escondido debaixo de uma pia na faculdade, alguns amigos e eu encontramos alguns cadernos de desenho antigos ali abandonados. Repartimos os cadernos entre nós e eu guardei os meus por mais alguns anos. Desde esse dia, passei a atentar mais para os papéis, para a sua materialidade. Comecei a me atrair por papéis marcados pela oxidação, pela presença crescente de bactérias e fungos, pelo tempo. Depois de um tempo, senti a urgência de desenhar cenas marítimas. Cenas trágicas. Nessa época, eu estava conectado com a estante de livros de meu pai, que é mercante e sempre me incentivou a trilhar caminhos profissionais como o seu. Comecei a imaginar o desastre que seria se eu optasse por obedecê-lo. Eu afoguei os sonhos que meu pai desenhou para mim. Não sou heterossexual e nem mercante, só para começar um rosário sem fim de ideais corroídos. Esta série é um testemunho de naufrágio e de sobrevivência.

Arutaua é o cultivo que estabeleço em meu atual processo de doutoramento. Começa como um sonho e ganha seu nome por meio de um neologismo. Um sonho com um sapo que agia como gente e com seu canto, me apresentou um lugar complexo, uma terra viva e fluída, que resiste avidamente a qualquer tentativa de colonização e abuso. Aru, do nheengatu, significa sapo. Taua, significa lugar, terra. Uma paisagem movediça, cheia de passagens e buracos. Alguns deles se dirigem a outros planos de existência. Um lugar que já ruiu e se reergueu, inúmeras vezes. Os fragmentos das histórias, ou dos relances desse lugar, são coletadas - ou inventadas - por entre arquivos, feitiços, receitas e traços de uma estranha criatura, que é gente, máquina, sapo e encantaria. Ele, que foi conduzido a ser muita coisa ao mesmo tempo, para atender as demandas de exploração de pessoas que lhe arrancaram memórias, partes preciosas de seu corpo e mesmo o seu nome original.

Nas imagens compartilhadas a seguir, somos convidados a ter alguns vislumbres destes distintos trajetos inventivos, bem como a interagir com suas paisagens e personagens, de modo a atualizar e, quem sabe maquinar novos - e improváveis - refúgios e parentescos.

RESSONAR INSULAR*

Em resposta aos constantes tsunamis cotidianos, crio um mapa composto por fragmentos de mutualismo e afetividade com o espaço. Me torno força e corpo capaz de enfrentar, modificar e multiplicar tempos e espaços. Através das cíclicas correntes marítimas, e inconstantes tremores subterrâneos de resistência e vontade de potência, desejo emergir à superfície este vídeo, que também é carta-marítima, da qual ressonam ondas, memórias e encantos. Para uma alternativa de resistência, reencontro e reconstrução de saberes e forças.

Deleuze aproximou o pensamento de "separação" e "recriação" existente nos próprios seres humanos, a partir da conceituação das ilhas desertas. E sugeriu um destacamento consciente do restante do mundo, com o objetivo de criar meios de reprogramar a relação sensível com a existência, e assim transformá-la. Em concordância, relaciono o reconhecimento do espaço da ilha de Cotijuba, costumeiramente visitada por mim, junto aos meus amigos, como alicerce sensível para a construção de uma possibilidade territorial, a partir da documentação de alguns momentos vividos nesta pequena incursão.

Seu mapeamento constitui-se de deslocamentos, nos quais residem a necessidade de retorno à calma dos momentos de plenitude do pretérito carnal, transpostos em domínios cartográficos. Recortes de trilhas e fronteiras compostas por pessoas, objetos, materiais, personagens e luminosidades encontrados, coletados e destacados dos continentes da memória cotidiana. Redesenhados de modo a se tornarem um paraíso necessário. Fuga banhada em águas, que ressoam em saudades. E assim compartilhados. Uma transmutação alquímica de movimentações em domínios, sob a forma de um ecossistema consciente, projetada contra a parede.

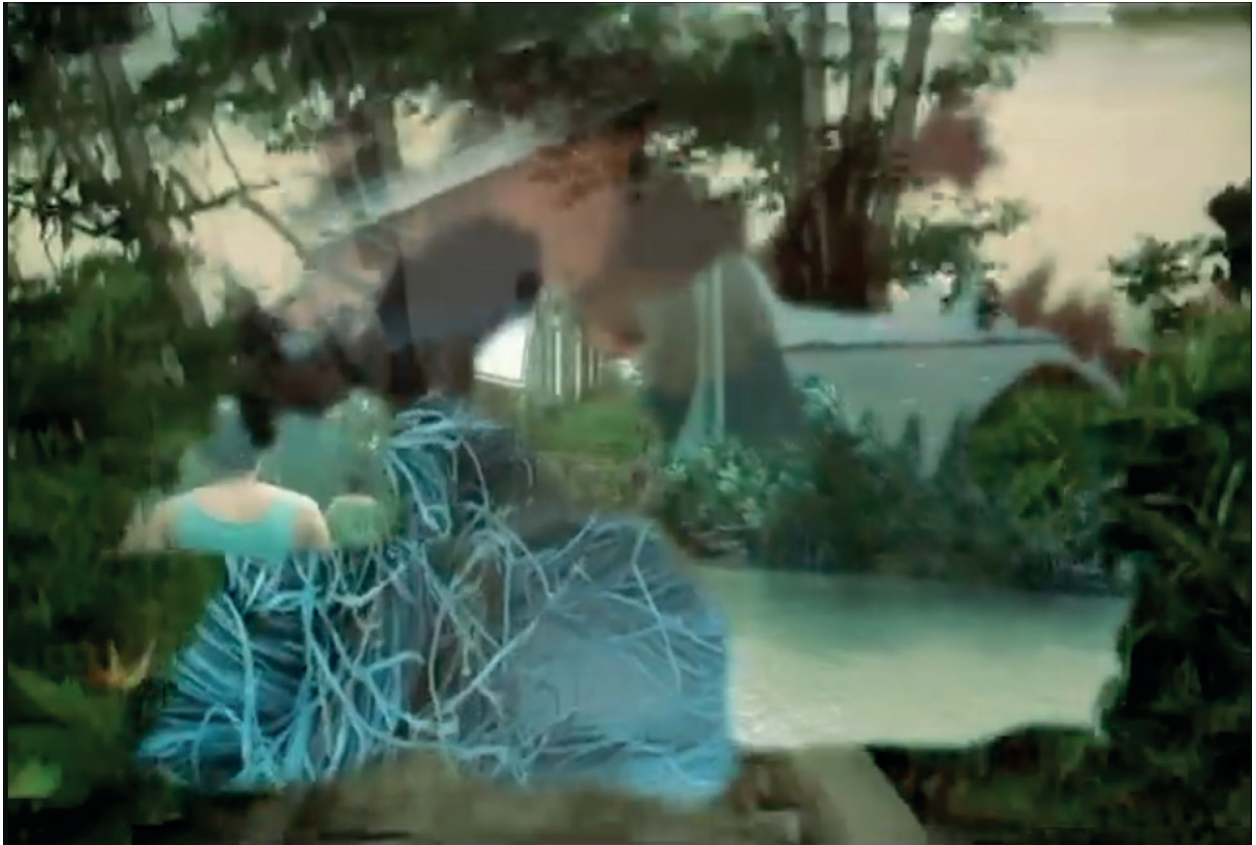
Extremamente acessível para quem quiser encontrar e transformar seus próprios espaços insulares. Pois só reconhece seu espaço quem transita por ele. Não como meros espelhos de suas propriedades carnis, recomposições da propriedade material e espiritual de sistemas tiranos.

Ilha laboratório. Para insular e experimentar. Buscar algum equilíbrio.

* Texto de apresentação da obra artística, na ocasião de sua submissão ao Prêmio Salão Sesc Universitário de Arte Contemporânea, em 2013. Disponível em: <https://youtu.be/Sw9_j4XDEQs?si=wQ_11X7D1m02dO3m>.



ressonar insular
Duração: 4'21"
Prêmio Salão Sesc Universitário de Arte
Contemporânea 2013



ressonar insular
Duração: 4'21"
Prêmio Salão Sesc Universitário de Arte Contemporânea
2013



ressonar insular
Duração: 4'21"
Prêmio Salão Sesc Universitário de Arte
Contemporânea 2013



ressonar insular
Duração: 4'21"
Prêmio Salão Sesc Universitário de Arte Contemporânea
2013

[...]

Após uma longa caminhada, chegamos ao principal acesso à praia. Ao cruzamento da terra batida e as finas areias, o barulho das águas era, a cada passo, mais intenso. Nenhuma luz era avistada, nem de vela ou querosene, ou qualquer sinal de presença humana desperta além da nossa, o que não nos surpreendeu. Ao sentir a proximidade com as águas, qualquer pressentimento não fazia qualquer sentido. Era como se o rio nos chamasse, nos encantasse.

Num impulso, o jogo se inverteu.

Meus amigos se despiram tão rapidamente que mal pude perceber, só avistei dois borrões correndo em direção à água, gritando com entusiasmo e saltando para o mistério líquido que se estendia em ondas, e o horizonte a se perder de vista. As nuvens dissiparam, e as estrelas mostravam o seu brilho, costurando fios invisíveis em sua trama celestial. Nesse momento fui contagiado com todas essas forças, dispendidas em ações, e um desejo de potência tão contundente, que minhas roupas pareceram escorregar, em meus ávidos esforços para me desfazer delas também.

Desatei a correr, freneticamente, e os sentidos já turvos mal acompanhavam a disparada empreendida pelo corpo, saltando as ondas até as pernas perderem a força, que culminou num mergulho, um encontro com o escuro turvo e denso, tão profundo quando o dégradé formado entre os matizes da valentia alcoólica e o temor pelo inesperado. Ouvi os outros mergulhos abafados, mas antes de procurar os outros, ainda sem emergir, procurei nadar pelo fundo, explorando aquela realidade submersa com o tato.

Consegui me manter por algum tempo assim, mas não quis estender por demais meu esforço, me deixando levar pelo empuxo. Tão logo puxei o fôlego e ouvi as vozes dos outros, e percebi que resíduos de quaisquer organismos e grãos de matéria inorgânica diluídos na água, em fricção com meu corpo, não só preenchiam o fôlego de viver em paz - seriamente abalado pelo trauma recente, e tantos outros golpes, furtivamente acumulados - mas também a admiração em sentir a natureza me revigorando e complementando o fluxo das sinapses de meu organismo.

Essa sensação nova, em conjunto com a presença deles me somaram uma satisfação muito grande, desdobrada em inúmeros outros mergulhos no breu aquático. Giros e risadas das mais cheias, em ecos e turbilhões de força e purificação que partiram desse devaneio coletivo, tornando-se um acontecimento poderoso e repleto de significados. Fui estranhado a princípio, vista minha repentina mudança de humor e atitude, mas logo me percebi compreendido ao percebê-los junto de mim em devaneio, nadando a favor e contra a corrente, e brincando até nos exaurir e voltar à margem, onde estavam aqueles que apenas nos observavam.

Um pouco antes de chegar no ponto mais raso da água, sentei na areia e fiquei ali, sentindo o vento passar e aguardando a saída dos meninos. O aspecto da escuridão em contato com aquele ambiente e meu corpo, me trazia uma sensação de que, inserido nela, não havia mais gênero, ou padrão definido. Não havia mais caixa, roupas ou sexo que me comportasse, nem dispositivo de controle que me oprimisse. Estava pleno naquele momento, as frestas e aberturas haviam sido invadidos, com o amplo alcance do reflexo daquela água nas feridas de minha alma, lugares dos quais sequer imaginava ainda estar em ardor, tamanha a acomodação em conviver com elas, agora reverberando, em harmonia com esse novo mundo apresentado, a placidez e agitação da natureza em fluxo - num espaço geográfico flutuante, resistente aos opressores do lado das luzes.

A partir daquela noite, um pacto imperceptível estava nascendo, mesmo com contornos borrados, à experiência vivida naquele lugar.

[...]



caixote
Fotografia (retina 68)
série Transilhas
2014



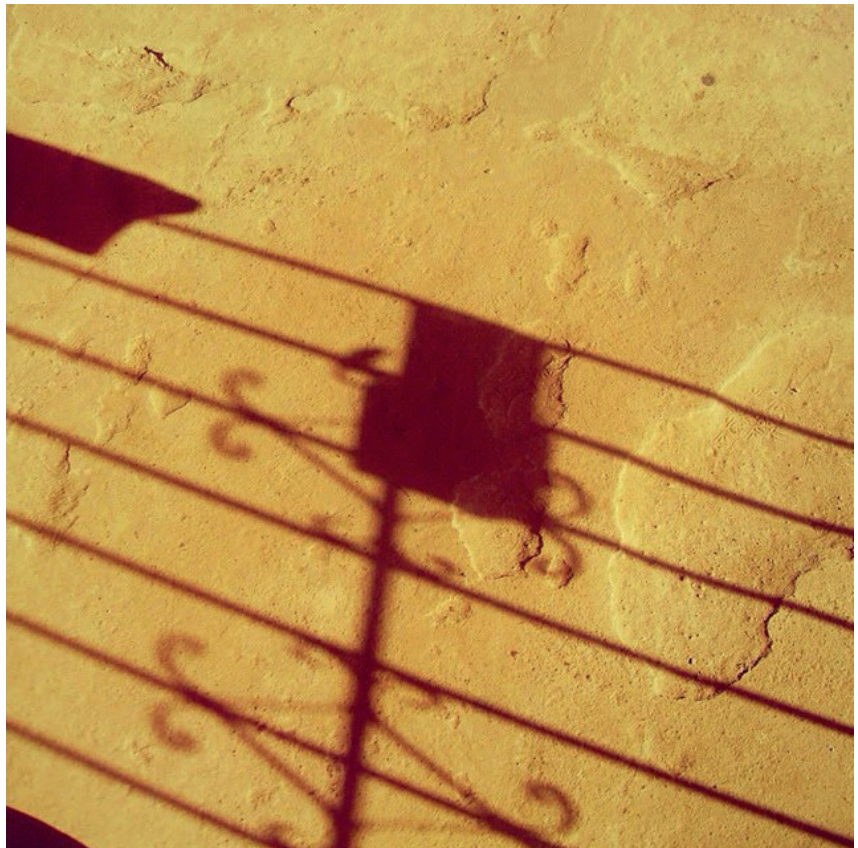
ruína de um certo tempo, minha
Fotografia Digital
série Transilhas
2014



do arquivo, bubuiadores
Fotografia Digital (tríptico)
série Transilhas
2014



daqui, te avisto
Fotografia Digital
série Transilhas
2014



lentidão em âmbar, miudeza
Fotografia Digital
série Transilhas
2014



dispositivo comunal
Fotografia Digital
série Transilhas
2014



modesta onda sobre cotijuba
Fotografia Digital
série Transilhas
2014

MÁQUINA-ROTA

A Máquina-Rota é dispositivo poético resultante de um processo criativo que combina elementos do jogo do tarô, com experimentos visuais, literários e performativos. Trata-se de um jogo de cartas que funciona como um dispositivo cartográfico, onde cada carta apresenta um mapa ou um convite para explorar trajetórias, devires e possibilidades.

Durante uma partida, os jogadores são convidados a interagir com as cartas, que trazem imagens e narrativas inspiradas em seres encantados, relances de memórias pessoais e paisagens amazônicas. Essas cartas não apenas estimulam a imaginação, mas também provocam reflexões, questionamentos e conexões sensíveis (Garcia, 2017, p. 47). Cada carta é acompanhada por narrativas e perguntas que nos desafiam a fabular caminhos a partir de nossas próprias memórias, emoções e perspectivas, produzindo efeitos de dilatação simbólica em nossos processos de criação e/ou investigação.

A Máquina-Rota não possui regras fixas, permitindo que os jogadores inventem suas próprias dinâmicas e significados a partir do encontro com as cartas, conforme os contextos e situações vivenciadas ao sabor do momento. É um jogo feito para promover expressões fora do comum, criações em coletivo e experimentações, funcionando como um dispositivo de maquinação para acessar formas inconscientes - ou mesmo imprevisíveis - de pensar, sentir e agir. Sua experiência pode ser definida como um momento de amizade, troca de afetos e abertura para o desconhecido (Garcia, 2017, p. 127), onde o jogo se torna um espaço para a reinvenção de si e a construção de rotas existenciais.



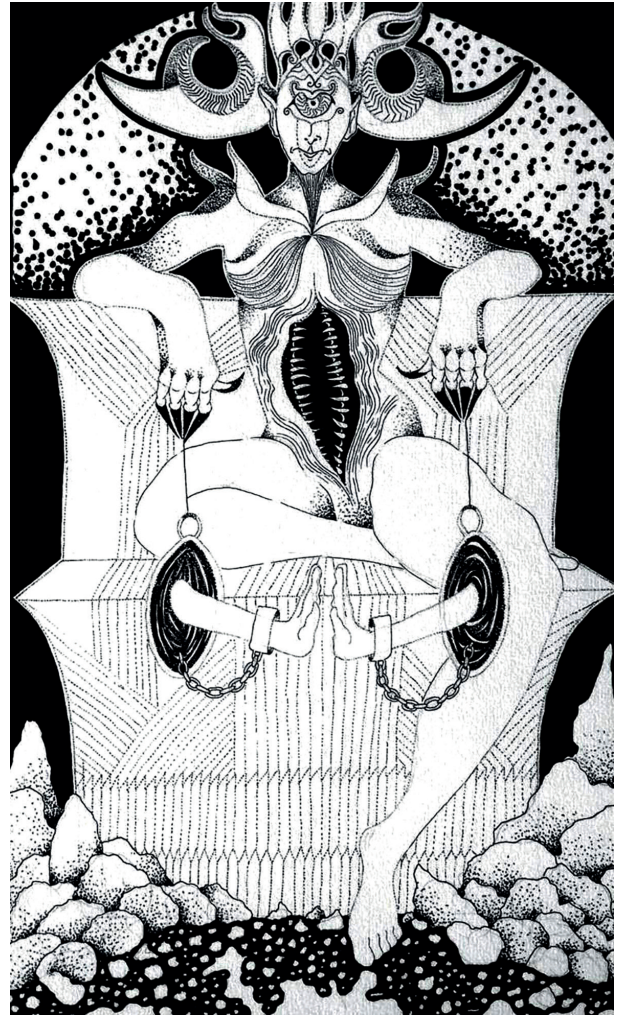
abstração, rio
mista de guache, aquarela e nanquim utilizada para produção de verso das cartas
série Máquina-Rota
2015-2017



Parauá
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Icamiaba
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Mapinguari
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Tibira Verde
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



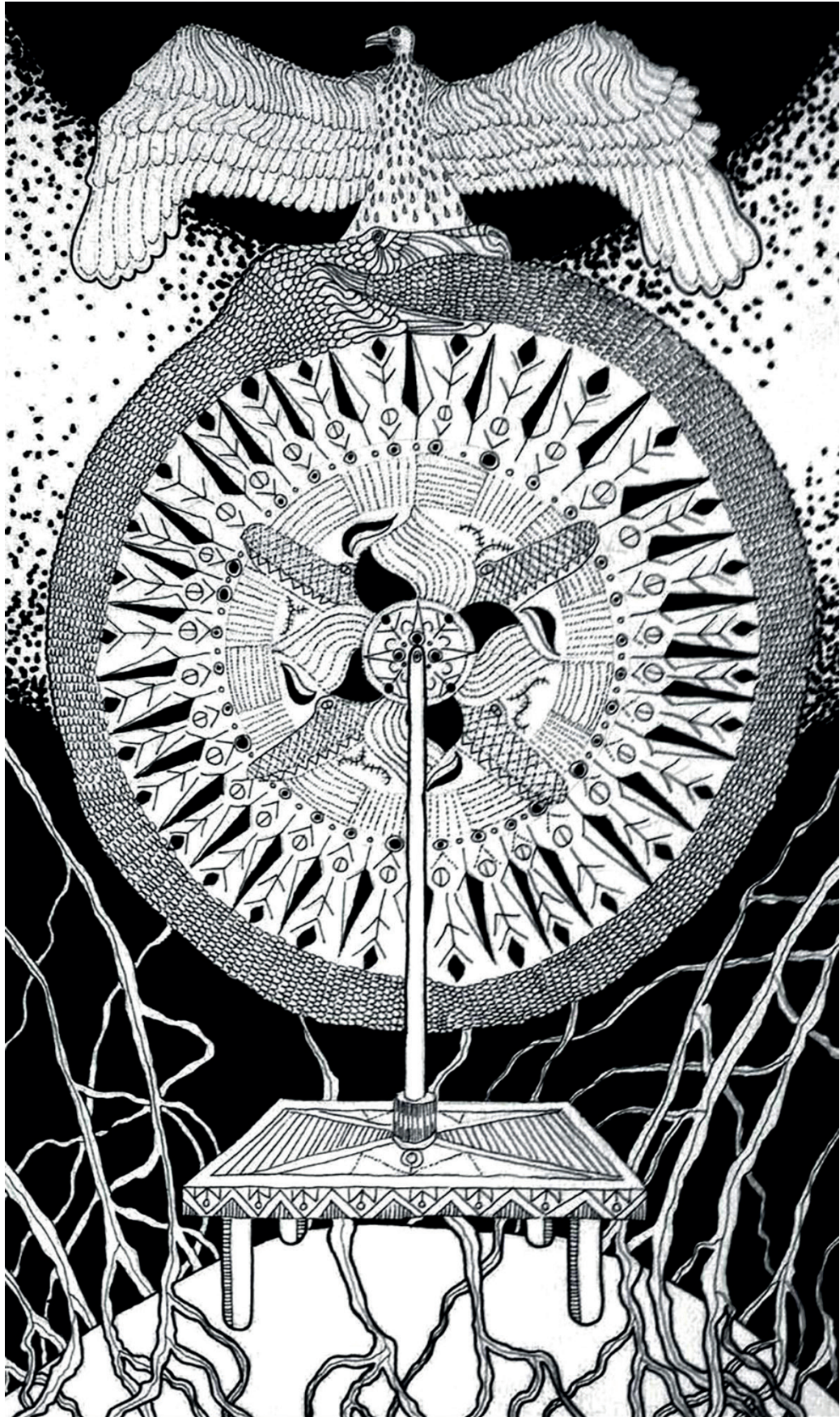
Dona Tumba
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Zimbado
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Afogado
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Tabuleiro dos ciclos
nanquim sobre papel 300g
série Máquina-Rota
2015-2017



Máquina-Rota
performance com o jogo realizada no VIII Seminário Conexões: Deleuze e Corpo e Cena e Máquina e...
FE, Unicamp, SP
2019



Jogo em movimento
Fotografia
série Máquina-Rota
2015-2017

EXERCÍCIOS DE AFOGAMENTO

Belém, 07 de outubro de 2017*

Em um final de tarde em tons de amarelo, âmbar e púrpura, eu estava descansando sob o colo de meu amor, quando a vista começou a pesar, de um sono que era efeito da brisa fina da praia da Flexeira.

Mal adentrei o Sonhar e lá estava ele, vindo de longe. Em minha direção, propagando acordes de violão. O menestrel caminhava, formando uma linha paralela ao fino rastro das ondas fluviais com seus passos.

Tremi. De frio ou curiosidade. Não sei bem ao certo.

Mas caminhei na direção dele, em um ritmo harmônico à melodia predominante. Era de um entrelaçar sinérgico, ondas aquáticas e sonoras, ressoando entre o céu e a terra. Galhos e embarcações vibravam. O assobio do vento atravessava meus poros enquanto, passo atrás de passo, eu me aproximava.

A vermelhidão dos olhos dele me preocupou, pois acompanhavam uma expressão contida de inquietude. Talvez agonia. Entretanto, tão logo ele me avistou, se encheu de rubores. Suas maçãs brilharam como dois sóis, abrindo alas para um sorriso majestoso, de cortar qualquer tristeza a machadadas, junto de meu coração.

Brilho que ardia, deixava a carne viva.

Ele, de porte renovado, ensaiou novos acordes em suas cordas e desatou a assobiar uma outra canção. Um bolero que parecia uma fogueira acesa.

Me percebi pequeno, como um satélite, refletindo as notas crepitantes. Me sentei diante dele, e me deixei ondular e imaginar uma dança que fizesse jus à dinâmica das notas produzidas.

Uma dança que eu só conseguiria traduzir sob o desenho, ou sob outra linguagem, pois não disponho de habilidade para coreografar aquele momento.

Em meio a esse esforço, acordei.

Tentei recordar as notas, compor com aquela paisagem imaginária. Em vão. Chorei tanto, de besta que sou. Ah!

Sonhos são assim? Nos presenteiam com grandes potências, e ao resto cabe o mistério?

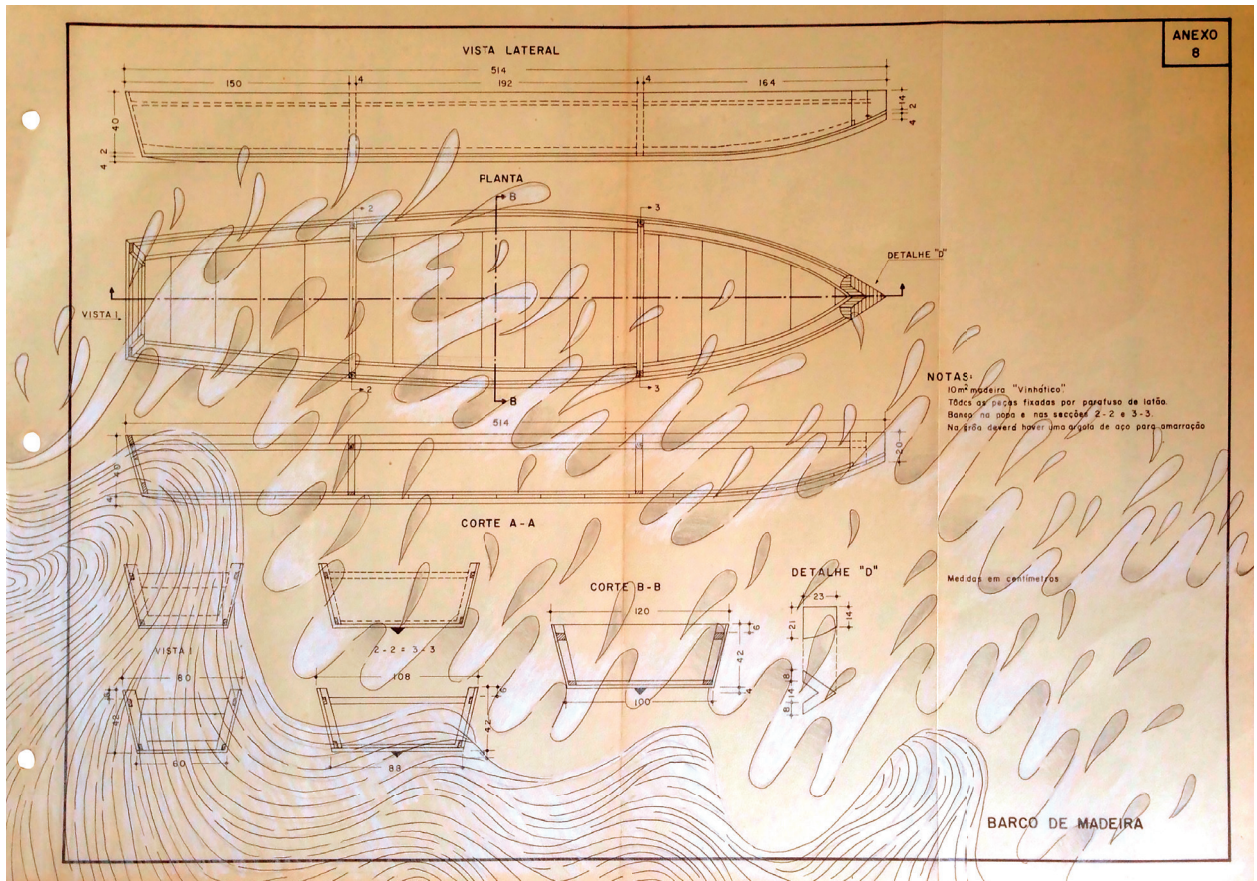
*Fragmento textual inédito de diário de bordo do processo de criação da série *Exercícios de Afogamento*.



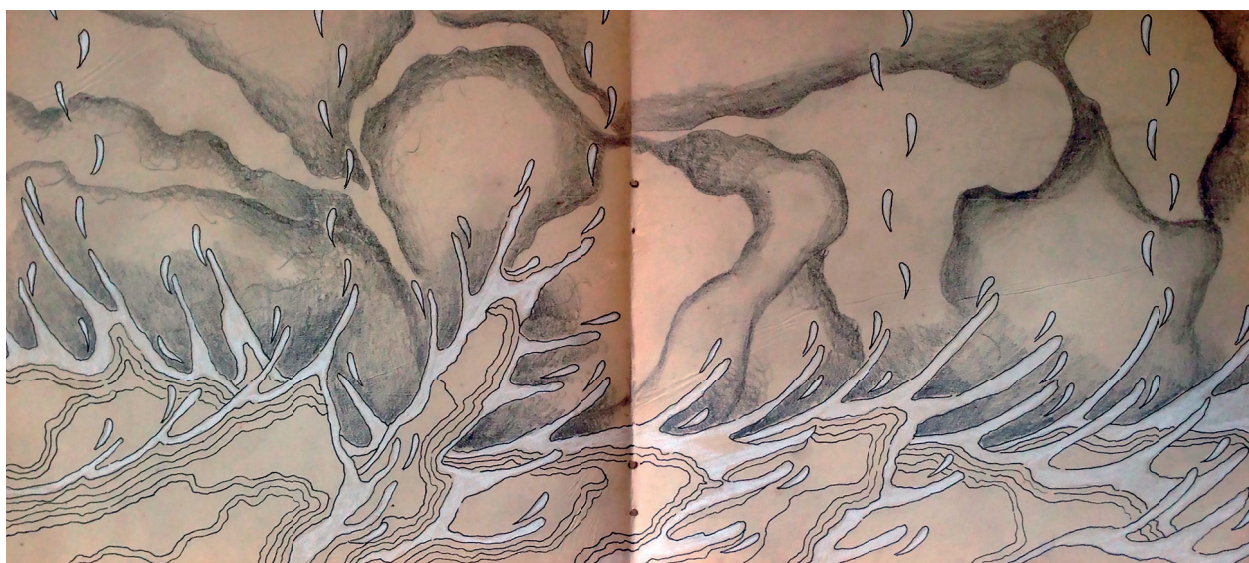
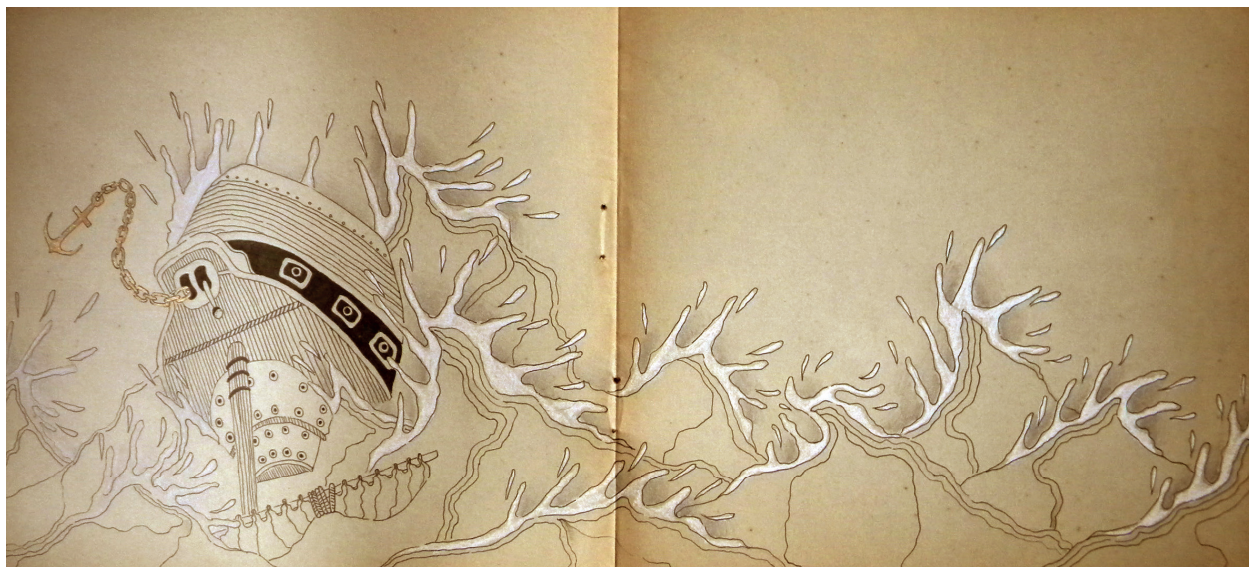
O Náufrago
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017



A Rede
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017



Salva-vidas
 da série Exercícios de Afogamento
 desenho sobre rejeito
 2017

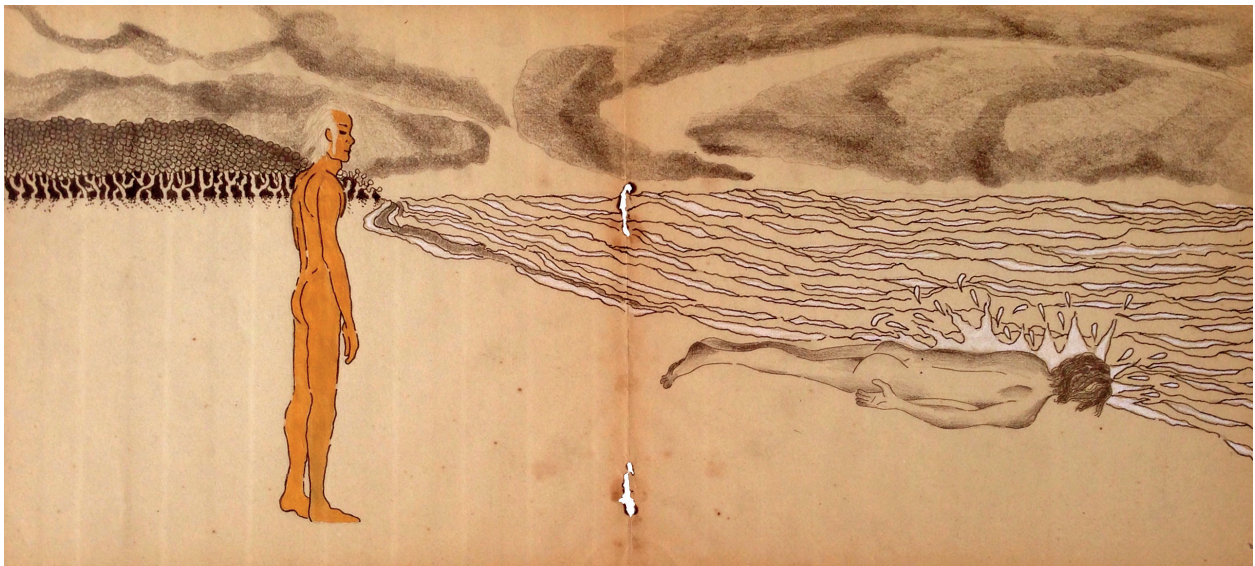
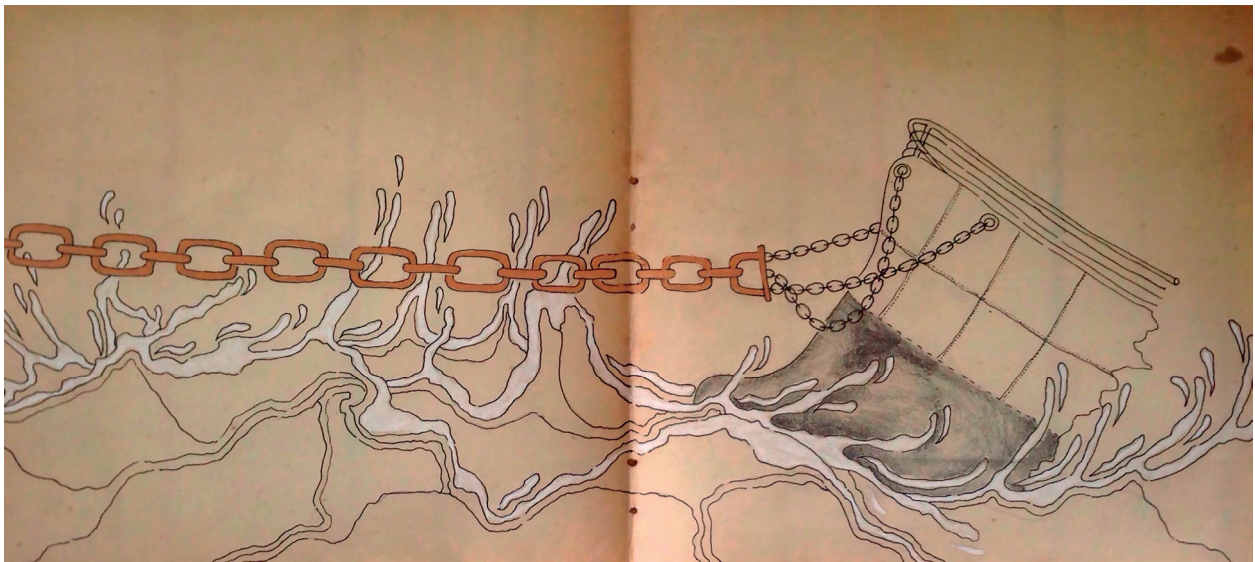


Âncora Flutuante (acima)
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017

Tempestade (abaixo)
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017

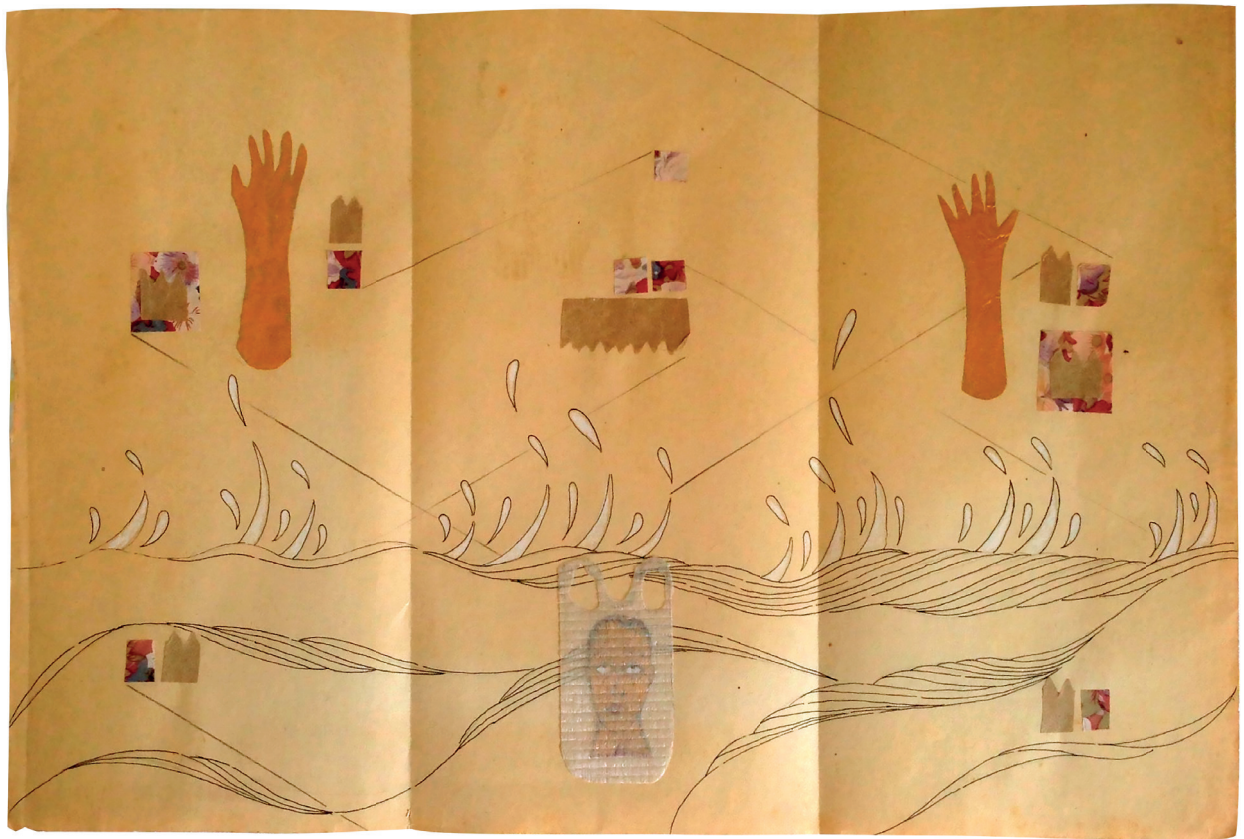


Angústia
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017



Talha de Parafuso Sem Fim (acima)
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017

Encantado (abaixo)
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017



Rejeitos
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017



A Divisão
da série Exercícios de Afogamento
desenho sobre rejeito
2017



ARUTAUA - DESTERRO DE SONHARES E ERRÂNCIAS

As imagens a seguir abordam uma percepção muito particular que venho desenvolvendo ao atentar para a presença constante das catástrofes climáticas em meu cotidiano. Por meio da fabulação especulativa, combino práticas artísticas de diferentes linguagens, com ênfase no desenho e na escritura, imaginando mundos e comunidades que perduram sobre os escombros de inúmeros apocalipses. Com a criação do território fictício de Arutaua, como uma espécie de plano, ou paisagem de composição ficcional, experimento narrativas que entrelaçam seres da floresta em diferentes circunstâncias de exploração e ameaça, destacando a necessidade de compor conexões e práticas de resistência por meio de alianças multiespécies. É um conjunto de imagens que produzem alternativas imaginárias aos construtos ideológicos que contribuem para a destruição dos mundos que vivemos em comum, como o capitalismo, a heteronormatividade e a negacionismo ambiental, propondo pinturas e escrituras alicerçadas em minha vivência como uma pessoa queer.

Além disso, esta pesquisa-criação - da qual partilho alguns fragmentos imagéticos - é organizada a partir de gestos como o de desterrar, que me impulsiona a consolidar deslocamentos cartográficos e parentescos queer; a conexão com os sonhos, que me impele a trilhar por entre paisagens e existências oníricas como formas de vislumbrar caminhos abertos para a criação de sonhos de floresta; e a errância também é apresentada como potência criadora, transformando tropeços e equívocos em oportunidades para a produção de alianças com outros seres errantes e o desenvolvimento de técnicas intuitivas. Esses procedimentos me sensibilizam para os impactos das ações colonizatórias sobre a terra na contemporaneidade, incluindo a floresta Amazônica, me ajudam a promover afetos e percepções sensíveis, e estímulo a visibilidade em torno de solos habitados por modos de vida que cultivam comunidades para além do humano.



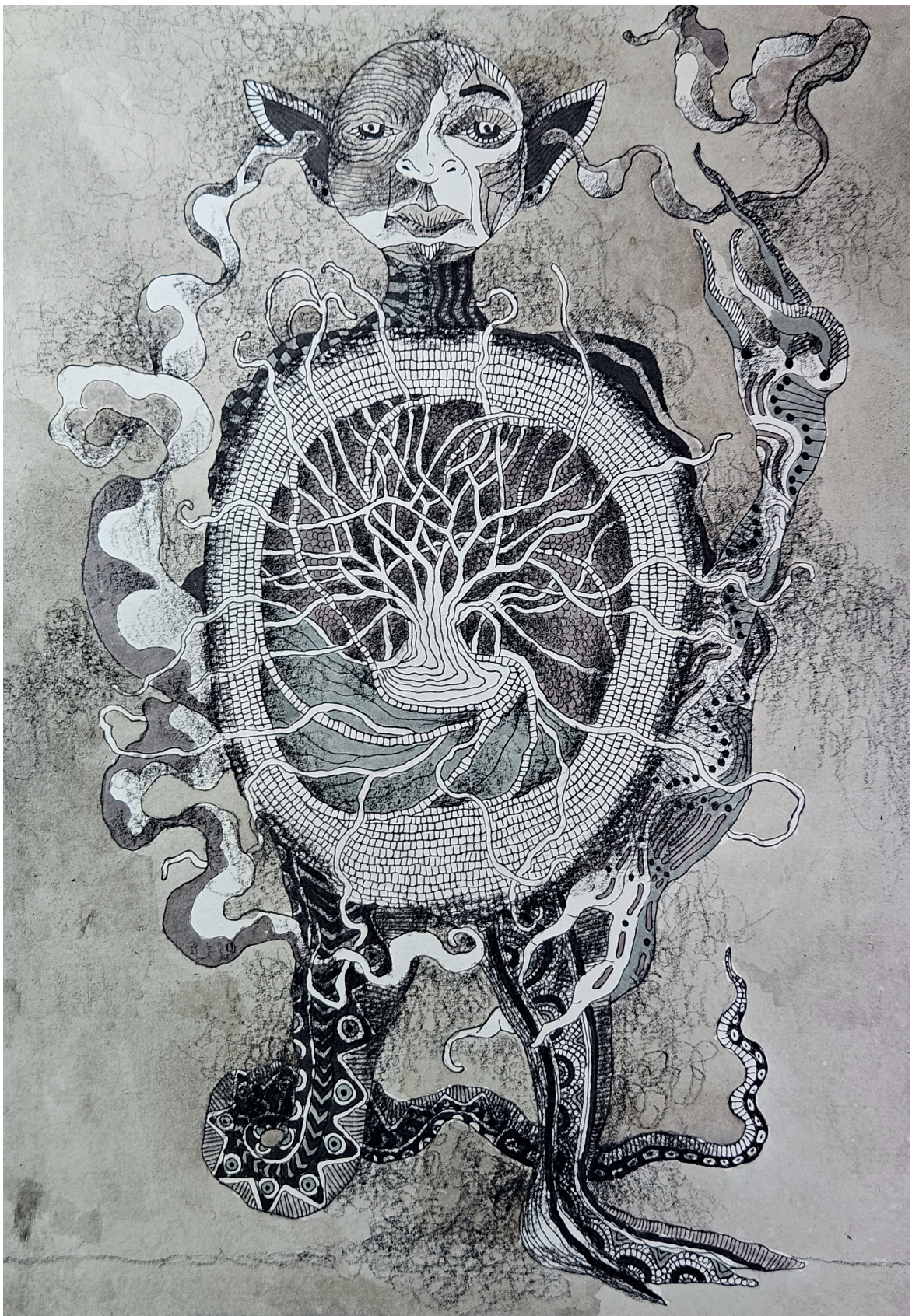
Pitanga e Tainha
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2024



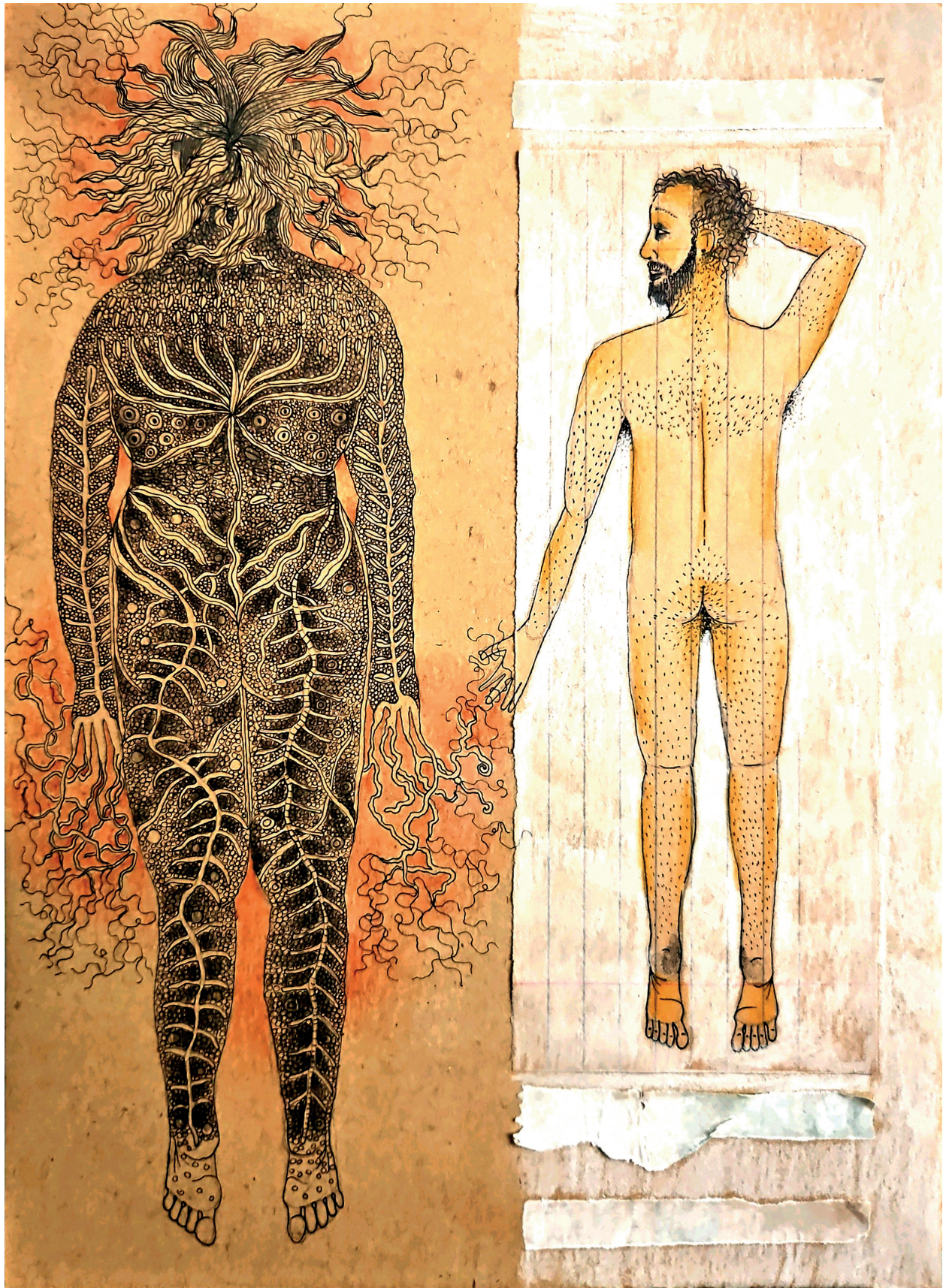
Dona Jurema e Anhangá
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2024



Caiú e Cururu
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2024



ser portal
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2024



Encontro Ctônico
da série Arutaua
Técnica mista de nanquim, grafite e pastel sobre colagem de papeis rejeitados
2024



Nascente
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2025



Parauá
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2025



Máscara e Talismã
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2025



Nana
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2025



Amostra 88
da série Arutaua
Mista de nanquim, guache e grafite sobre papel 300g
2025

REFERÊNCIAS

GARCIA, Breno Filo C. de S. [Breno Filo]. **Transilhas | travessias imaginárias entre Belém Centro - Cotijuba**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Artes Visuais). Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal do Pará, Belém, 2013. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1NsB_OXEVVYOFUedqWuvAsNALA-AY_tUA/view?usp=sharing>. Acesso em: 27 fev. 2026.

GARCIA, Breno Filo C. de S. [Breno Filo]. **MÁQUINA-ROTA**: um jogo cartográfico e suas linhas inventivas. Dissertação (Mestrado em Artes), Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1H6nliJnzXYuvH1MiLRS8Ha_UZyJPWOSp/view>. Acesso em: 27 fev. 2026.

GARCIA, Breno Filo C. de S. [Breno Filo]. Exercícios de afogamento. **ClimaCom - Inter/Transdisciplinaridade** [online], Campinas, ano. 5, n. 13, dez. 2018. Disponível em: <<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/?p=9987>>. Acesso em: 27 fev. 2026.

GARCIA, Breno Filo C. de S. [Breno Filo]. Exercícios de Afogamento/Breno Filo. **Exposição "Rejeito Bruto"** [catálogo]. Casa das Artes de Belém/PA, 20 de setembro a 20 de outubro de 2017. Curadoria de Aline Folha e Wlad Lima. Belém: Brutus Desenhadores, 2017. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0B-B1ixm6wG46WE3a3cwVFVVS0E/view?usp=sharing&resourcekey=0-6d06-tl0iYmybW2K2SS2WQ>>. Acesso em: 27 fev. 2026.

GARCIA, Breno Filo C. de S. [Breno Filo]. Um labirinto ancestral. In: RIBEIRO, Alessandra; MIRANDA, Emanuely; PESTANA, Fernanda; MAUS, Lilian; MARIN, Sigifredo; DIAS, Susana; SALES, Tiago (org.). **Morada Floresta**. Campinas: UNICAMP/BCCL, 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2024/11/Morada_Floresta_versao_final.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2026.

Performance artística

GARCIA, Breno Filo C. de S. [Breno Filo]. **Máquina-Rota**. 2019. Performance. *VIII Seminário Conexões: Deleuze e Corpo e Cena e Máquina e...* Faculdade de Educação, Unicamp, Barão Geraldo, Campinas-SP, 12 nov. 2019.

SOBRE O AUTOR

Breno Filo [nome artístico de *Breno Filo C. de S. Garcia*] é artista visual, designer, educador e pesquisador atuante em Belém do Pará. Doutorando em Artes pelo Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará (PPGARTES-UFPA). É mestre em Artes (PPGARTES-UFPA), graduado com bacharelado e licenciatura em Artes Visuais (FAV-UFPA) e técnico em Design (IFPA). É docente da Escola de Aplicação da Universidade Federal do Pará (EAUFPA). Em sua atuação como artista-pesquisador, compõe com o coletivo independente *Mundyca - Laboratório em Rede, com o Coletivo multiTÃO* (Unicamp-SP), com o grupo de pesquisa *HabitAR* (UFU-MG) e com o Projeto *Lampere* (UFPA/UFC). Atualmente desenvolve processos de criação multilinguagens movido pela potência dos parentescos multiespécies queer. Orcid: <<https://orcid.org/0000-0001-6195-9774>>. E-mail: brenofilo@gmail.com